

Liberdade e Intolerância nas Redes Sociais. ¹

Missila Loures Cardozo²

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP
Universidade Municipal de São Caetano do Sul - USCS

Resumo

Trata-se de uma pesquisa exploratória sobre virtualidade, identidade e a intolerância nas Redes Sociais, com foco no Facebook, Twitter e Instagram. A questão central foi entender como as Redes Sociais, que permitem a livre expressão de sentimentos, pensamentos e posições, pode se tornar ao mesmo tempo alvo da intolerância, discriminação, da ofensa e do abuso na tratativa com pessoas conhecidas ou desconhecidas. Este estudo preliminar foi desenvolvido através de pesquisa documental sobre virtualidade, redes sociais, intolerância, além de um breve questionário aplicado online com 475 respondentes. A principal constatação é de que a utilização das redes sociais, traz muitas vezes a sensação de poder expressar o que se pensa, porém sem a responsabilidade das consequências que determinado posicionamento pode trazer.

Palavras-chave

Intolerância; Identidade; Redes Sociais; Discriminação; Virtual.

1. Introdução

As relações humanas são complexas. Suas manifestações também o são. Ao longo dos anos, dos avanços sociais e dos meios de comunicação, estas relações foram ficando mais densas, mais abrangentes e mais ramificadas. Gabriel COHN diz que “O ambiente criado pelo homem é uma segunda natureza, e forma o próprio homem, ao moldar os seus padrões de percepção do mundo e de si próprio” (COHN, 1987 pg 364). A possibilidade de comunicar-se com alguém que estava a quilômetros, mudou em muito as relações humanas e estabeleceu a possibilidade de uma comunicação a distância e não presencial. Na afirmação de Robert Darton:

“A finalidade da história social e cultural da comunicação impressa é “entender como as idéias eram transmitidas por vias impressas e como o contato com a palavra impressa afetou o pensamento e comportamento da humanidade nos últimos anos”. (DARTON, 1995 pg 109)

Mesmo que não se trate de uma abordagem sobre impresso, pode-se, em licença poética, fazer uma analogia entre o registro de uma narrativa em livro e o uso das redes

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas, XVI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestre em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo, docente do curso de Comunicação Social da USCS – Universidade Municipal de São Caetano e do curso de Publicidade e Propaganda da PUC-SP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. e-mail: missila.cardozo@gmail.com.

sociais para o registro de pensamentos e discussões. Para Roger Chartier o texto eletrônico permite a realização de um ideal do homem, personificado pela biblioteca de Alexandria:

“Supondo que todos os textos existentes, manuscritos ou impressos, sejam digitados, ou dito de outra maneira, que eles sejam convertidos em textos eletrônicos, é a disponibilidade universal do patrimônio escrito que se torna possível” (CHARTIER, 1994 pg 104).

Chartier faz ainda a distinção, advinda do surgimento do texto eletrônico:

“O universo de textos eletrônicos significara, necessariamente, um distanciamento em relação às representações metas e as operações intelectuais especificamente ligadas as formas que teve livro no ocidente há dezessete ou dezoito séculos. Nenhuma ordem dos discursos é, de fato, apartável da ordem dos livros que lhe é contemporânea” (CHARTIER, 1994 pg 106).

Fica clara a influência dos meios de comunicação na evolução social e, conseqüentemente, sua complexificação. Ao passo que a sociedade foi se expandindo para os grandes centros e as noções de distância foram se alterando, os meios de comunicação passaram a ter importância cada vez mais fundamental na formação desta nova sociedade. Segundo John Thompson:

“Só podemos entender o impacto social do desenvolvimento das novas redes de comunicação e do fluxo de informação, se pusermos de lado a idéia intuitiva plausível de que os meios de comunicação servem para transmitir informação e conteúdo simbólico a indivíduos cujas relações com os outros permanecem fundamentalmente inalteradas. (...) o uso dos meios de comunicação implica a criação de novas formas de ação e de interação no mundo social, novos tipos de relações sociais e novas maneiras de relacionamento do indivíduo com os outros e consigo mesmo” (THOMPSON, 2001 pg 13).

Mesmo as questões da distância são apontadas por Thompson:

“De um modo fundamental, o uso dos meios de comunicação transforma a organização espacial e temporal da vida social, criando novas formas de ação e interação, e novas maneiras de exercer o poder, que não está mais ligado ao compartilhamento local comum” (THOMPSON, 2001 pg 14).

Desta maneira, passamos a falar com indivíduos que não estão mais fisicamente próximo e não necessariamente se conhecem. As falas e discursos são livremente propagadas em rede, sem controle ou convenção. Manuel Castells, em seu conceituado *Sociedade em Rede*, inicia sua obra evidenciando estas questões:

“Nesse mundo de mudanças confusas e incontroladas, as pessoas tendem a reagrupar-se em torno de identidades primárias: religiosas, étnicas, territoriais, nacionais. O fundamentalismo religioso, cristão, islâmico, judeu, hindu e até budista (o que parece uma contradição de termos) provavelmente é a maior força de segurança pessoal e mobilização coletiva nestes tempos conturbados” (CASTELLS, 1999 pg 41).

Segundo Castells, as mudanças globais e os fluxos de poder e riqueza, a busca de uma identidade, é a fonte básica de significado social:

“No entanto, a identidade está se tornando a principal e, as vezes, única fonte de significado em um período histórico caracterizado pela ampla desestruturação das organizações, deslegitimação das instituições, enfraquecimento de importantes movimentos sociais e expressões culturais efêmeras, cada vez mais, as pessoas organizam seu significado não em torno do que fazem, mas com base no que elas são ou acreditam que são” (CASTELLS, 1999 pg 41).

2. Virtualidade

Nos deparamos então com as questões de virtualidade advindas deste processo de comunicação em rede, proporcionado pelas mídias digitais. Lorenzo Vilches propõe exatamente este paradigma entre real x virtual. Entende que na era da globalização, com as intensas mudanças diante da nova realidade, tal questionamento apresenta-se como essencial. Segundo Vilches:

“A partir de uma visão sócio-política do processo de virtualização a que nos leva a metatecnologia, achamo-nos ante a invenção de um novo ser social, ou melhor, ante um sistema de alienação. Em todo caso, o virtual aparece como uma reordenação do mundo.” (VILCHES in: MORAES, 1997, p.94).

Neste novo conceito de mundo, a Internet se torna a mais clara e eficaz forma de relação virtual no mundo e, da forma como foi criada, é grande exemplo da globalização, pois “é o produto de uma malha de redes que não pode ser entendida como uma rede individual, e sim global para o intercâmbio de comunicação” (VILCHES in: MORAES, 1997, p.94).

A Internet é, portanto, uma mídia completamente distinta das mídias tradicionais, já que permite a interação do receptor, em níveis jamais pensados em outros meios. Tal interação possibilita ao indivíduo o poder de seleção de qual informação deseja acessar e o nível de profundidade que quer ter desta determinada informação. É a imensidade e a seleção de informações que caracterizam a Internet como um meio de democratização da informação em esfera global. Vilches pondera sobre o advento da globalização comunicativa:

“O nascimento massivo da Internet coincide com a fragmentação da audiência mundial em todos os grandes meios de comunicação tradicionais e com a época da globalização. A internet se vale da individualização do consumo (fator subjetivo da fragmentação comercial do consumo) para afirmar-se como novo meio de serviço e de coesão social” (VILCHES in MORAES, 1997, p.102).

Desta maneira, os conceitos de real e de virtual interagem, alternando real em virtual e o virtual em real, de acordo com a manipulação da informação. Estes conceitos não são definidos pela ação em si, mas pelos efeitos dela resultantes. Ainda segundo Vilches:

“O virtual não significa imaterial ou irreal, e sim informação e conhecimento. A diferença esta na perda dos limites materiais do conhecimento e da informação. O processo de globalização se apóia em grande parte na economia e

no conhecimento, e ambos podem ser definidos como virtuais.” (VILCHES in MORAES, 1997, p.100).

Pode-se então, caracterizar a comunicação como virtual, estando o ser humano totalmente integrado a um mundo virtual de ideias e relações. A linguagem virtual é própria do ser humano. A comunicação, enquanto atividade humana, é a experimentação de fazer com que alguém compartilhe seus pensamentos, e o que possibilita isso é uma linguagem comum.

Para Manuel Castells esta questão é clara:

“Finalmente, talvez a característica mais importante da multimídia seja que ela capta em seu domínio a maioria das expressões culturais em toda sua diversidade. Seu advento é equivalente a fina da separação e até da distinção entre mídia audiovisual e mídia impressa, cultura popular e cultura erudita, entretenimento e informação, educação e persuasão. Todas as expressões culturais, da pior à melhor, da mais elitista à mais popular, vêm juntas nesse universo digital que liga, em um supertexto histórico gigantesco, as manifestações passadas, presentes e futuras da mente comunicativa. Com isso, elas constroem um novo ambiente simbólico. Fazem da virtualidade nossa realidade. (CASTELLS, 1999 pg 438).

Não há então a tal dicotomia entre realidade de virtualidade e é clara a sua influência nas expressões culturais e nas formas de linguagem, como conclui Castells:

“Portanto a realidade, como é vivida, sempre foi virtual porque sempre é percebida por intermédio de símbolos formadores da prática com algum sentido que escapa à sua rigorosa definição semântica. É exatamente esta capacidade que todas as formas de linguagem têm de codificar a ambiguidade e dar abertura a uma diversidade de interpretações que torna as expressões culturais distintas do raciocínio formal/lógico/matemático “ (CASTELLS, 1999 pg 439).

3. Relações humanas e vida em sociedade

A vida do homem em sociedade nunca foi simples. Apesar da necessidade de estar junto para garantir a sobrevivência, os interesses pessoais sempre tornaram esta convivência um tanto quanto turbulenta. Segundo Zygmunt BAUMAN (2004 pg 97) a vida em civilização contaria, em si, as razões pessoais do interesse próprio e da constante busca pela felicidade.

“Amar o próximo pode exigir um salto de fé. O resultado, porém, é o ato fundador da humanidade. Também é a passagem decisiva do instinto de sobrevivência para a moralidade” (BAUMAN,2004 pg 98).

Nos dias atuais, em que a sensação de colaboração para a sobrevivência é muito menor, esta convivência vem tomando contornos muito sombrios. O senso de moralidade está em crise. O mundo está às voltas com todo tipo de atrito, de turbulência, de descompasso, onde a vida em sociedade beira o caos. São disputas políticas, econômicas, religiosas, de gênero, raça e de toda sorte de manifestação humana. Mais uma vez vemos a

humanidade caminhar para o extremismo, para a garantia de uma dita supremacia, de pensamentos ou de características. Em um mundo tão plural, parece haver uma onda retrograda, para papéis estanques e engessados. Para Manuel Castells os movimentos sociais sempre alavancaram as mudanças sociais:

“Geralmente se originam de uma crise nas condições de vida que torna insustentável a existência cotidiana para a maioria das pessoas. São induzidos por uma profunda desconfiança nas instituições políticas que administram a sociedade. A conjunção de degradação das condições materiais de vida e crise de legitimidade dos governantes encarregados de conduzir os assuntos públicos leva as pessoas a tomar as coisas em suas próprias mãos, envolvendo-se na ação coletiva fora dos canais institucionais prescritos para defender suas demandas e. No final, mudar os governantes e até as regras que moldam suas vidas” (CASTELLS, 2013 pg 157).

Pode-se entender, diante da afirmação de Castells, que as mudanças acontecem em momentos onde há grande instabilidade, local o global, onde o indivíduo ou grupo, sentem-se impelidos a mudança, para obtenção de melhores condições.

As mídias digitais, bem como a comunicação em meios digitais, são campo propício a tais manifestações. As redes sociais, espaço de livre manifestação, tornaram-se palco de disputa de ideias, de espaços e de verdades.

“Os movimentos são virais, seguindo a lógica das redes da internet. Isso se dá não apenas pelo caráter viral da difusão das mensagens em si, particularmente das imagens de mobilização, mas em função do efeito demonstração de movimentos que brotam por toda parte” (CASTELLS, 2013 pg 163).

Zygmunt BAUMAN (2007 pg 11), em seu livro *Tempos Líquidos*, afirma que com a “auto-estrada da informação”, algo que acontece em um lugar, de certa forma, acontece no lugar como um todo. Isto é, as fronteiras planetárias, antes claramente estabelecidas, são dissolvidas pela rede de informação, num processo de desterritorialização.

“O ciberespaço é efetivamente desterritorializante, mas essa dinâmica não existe sem novas reterritorializações. Toda mídia, da escrita à internet, cria processos que nos permitem driblar os estrangimentos do espaço e do tempo: envio de mensagens a distância, processos mnemônicos” (LEMOS, 2007 pg 280).

4. Identidade e Intolerância

Além das questões de território, ou em função delas, a questão da identidade é bastante atual. Zygmunt BAUMAN (2008 pg 178) aponta que esta é uma das grandes preocupações de Filósofos, Psicólogos e Cientistas Sociais acerca da vida contemporânea.

“A cultura é debatida em termos de diferença individual, grupal ou de categoria, miscigenação e hibridização, enquanto o processo político ainda é teorizado com maior frequência em torno das questões dos direitos humanos (o direito a uma identidade separada) e da ‘política da vida’ (a construção, negociação e afirmação da identidade)” (BAUMAN, 2008 pg 178-179).

Esta busca por uma identidade própria, e ao mesmo tempo, sua adequação ao sistema de vida contemporâneo, é um dos grandes motivadores das incertezas humanas e, conseqüentemente, dos descompassos pelos quais passa a sociedade atual. Identificar-se como indivíduo, em suas demandas e em seus anseios, é a forma do homem moderno se colocar nos tempos atuais.

“O que a ideia de ‘individualização’ traz é a emancipação do indivíduo da determinação atribuída, herdada e inata do caráter social dele ou dela: uma separação corretamente vista como uma característica muito clara e seminal da condição moderna” (BAUMAN, 2008 pg 183).

Neste ponto emerge o conceito do homem pós-moderno, intensamente caracterizado pela liquidez dos tempos atuais, segundo BAUMAN (2001). Diante de um mundo fluido, de constantes e aceleradas transformações, a identidade desse sujeito também se torna fluida, permeável e de complexa delimitação. Os conceitos de identidade tornam-se múltiplos e multifacetados.

As mídias digitais, sobretudo as redes sociais, intervêm diretamente nas questões de identidade, o que se mostra um tema assaz atual. É nas redes sociais que os indivíduos convergem suas representações de identidade, reais, projetadas ou desejadas. É a construção do eu virtual, que pode expressar livremente seus pensamentos, sentimentos e opiniões. E os iguais se atraem, em comunidades virtuais que disseminam determinados pensamentos, e os diferentes se enfrentam, tal qual em guerras cibernéticas de ideologias. Para Livia Nóbrega:

“Pertencer a uma determinada comunidade virtual é compartilhar um mesmo território, os mesmos sentimentos e impressões. É exibir-se da forma que se achar mais conveniente, carregando consigo a segurança de ter ao lado várias outras pessoas que pensam da mesma forma e que assim reforçam o ideal de grupo. A construção das identidades, virtuais ou não, ocorre no espaço do simbólico. Toda concepção identitária se esboça em forma de representação e no caso das redes virtuais de relacionamento, a representação do indivíduo se dá por meio da publicização do eu. O ego se torna uma centralidade na rede. A forma de se projetar a imagem na rede pode ser caracterizada como dramática, na medida em que é uma espécie de processo teatral de representação. As redes sociais são espaços abstratos em que são estabelecidos laços afetivos e representações”. (NÓBREGA, 2010 pg 97)

Quando o indivíduo se sente resguardado na força da comunidade virtual e, ao mesmo tempo, no pseudo anonimato proporcionado pelo distanciamento de seu eu real, pode surgir ou emergir as mais intensas manifestações de ódio, preconceito, discriminação, perseguição, violência verbal ou imagética, enfim, toda sorte de intolerância que, muitas vezes, são socialmente reprimidas em ambientes ditos reais. É a sensação de que a persona virtual tudo pode, que não há limites ou sanções a qualquer tipo de manifestação no mundo

virtual. Não se quer dizer aqui que tais manifestações não aconteçam no chamado “mundo real”, mas em grande parte, elas são veladas ou mesmo carregadas do medo da punição. Nas redes este medo se dilui na sensação de proteção que o virtual representa.

Em entrevista para a *Época*, Bauman afirma que:

“Redes, você sabe, são interligadas, mas também descosturadas e remendadas por meio de conexões e desconexões... As redes sociais eram atividades de difícil implementação entre as comunidades do passado. De algum modo, elas continuam assim dentro do mundo off-line. No mundo interligado, porém, as interações sociais ganharam a aparência de brinquedo de crianças rápidas. Não parece haver esforço na parcela on-line, virtual, de nossa experiência de vida. Hoje, assistimos à tendência de adaptar nossas interações na vida real (off-line), como se imitássemos o padrão de conforto que experimentamos quando estamos no mundo on-line da internet”. (BAUMAN, 2016)

As redes sociais povoam o tempo de grande parte da humanidade nos grandes centros urbanos. É uma busca incessante para afastar o medo da solidão, mas sua superficialidade, muitas vezes, é marcada pela ausência de um real comprometimento. Neste momento, nesta quase surrealidade, surgem fortes manifestações de intolerância. E essa intolerância brota, contraditoriamente, da necessidade de comunicação afetiva, de relacionamento, de medo e insegurança, da não aceitação.

A intolerância é, segundo o Dicionário Michaelis, a “Intransigência contra pessoas que têm opiniões, atitudes, ideologia, crenças religiosas etc. diferentes da maioria”. É ainda, segundo o Wikipedia “uma atitude mental caracterizada pela falta de habilidade ou vontade em reconhecer e respeitar diferenças em crenças e opiniões.”

A intolerância pode estar baseada no preconceito, podendo levar à discriminação. Formas comuns de intolerância incluem ações discriminatórias de controle social, como racismo, sexismos, antissemitismo, homofobia, heterossexismo, etáismo (discriminação por idade), intolerância religiosa e intolerância política. Todavia, não se limita a estas formas: alguém pode ser intolerante a quaisquer ideias de qualquer pessoa.” (WIKIPEDIA, 2016)

Vive-se, pois, em um mundo de incertezas, ilhados ou citiados, cada um por si. A efemeridade das conexões nas redes sociais, a facilidade de “desconectar-se”, a dificuldade de estabelecer e manter relacionamentos de longo prazo. Isso tudo leva a não preocupação com o outro, com o impacto do que se faz ou diz ao outro, com a intolerância ao pensamento do outro.

“Nós somos responsáveis pelo outro, estando atento a isto ou não, desejando ou não, torcendo positivamente ou indo contra, pela simples razão de que, em nosso mundo globalizado, tudo o que fazemos (ou deixamos de fazer) tem impacto na vida de todo mundo e tudo o que as pessoas fazem (ou se privam de fazer) acaba afetando nossas vidas” (BAUMAN, 2001).

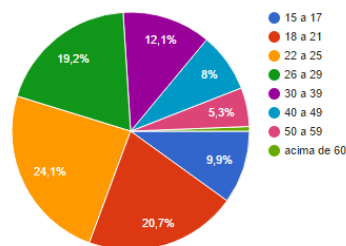
5. Pesquisa

Para fundamentar esta pesquisa, foi desenvolvido um breve questionário com 13 perguntas fechadas, que visaram compreender a percepção dos usuários de redes sociais sobre a questão a intolerância. O questionário foi aplicado do dia 17/06/2016 a 26/06/2016 e foi utilizada a ferramenta Google Docs para a coleta dos dados. A divulgação da pesquisa foi feita pelo Facebook e recebeu a colaboração espontânea dos respondentes e de seus amigos.

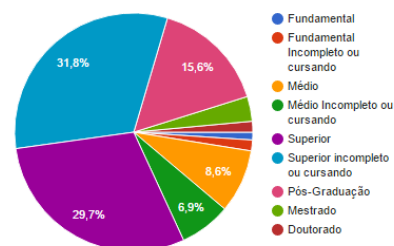
A primeira parte da pesquisa (5 primeiras perguntas) teve como intuito entender quem era a amostra, seu uso das redes sociais em intensidade e quais redes mais utilizam.

A idade dos respondentes variou dos 15 a mais de 60 anos. A maior parte, 64%, tem entre 18 e 29 anos, sendo classificado com um público bastante jovem. Em termos de escolaridade, 61,5% dos respondentes tem curso superior completo ou incompleto/cursando. Ainda 15,6% tem pós-graduação. Este dado evidencia que a amostra é bastante qualificada.

Idade

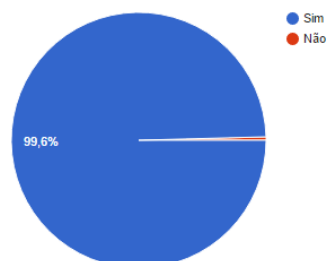


Escolaridade

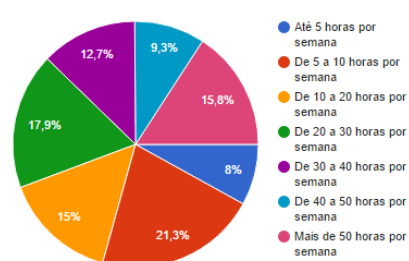


Do total de 475 respondente, apenas 0,4% indicaram que não fazem uso das redes sociais. Quanto a frequência de uso das redes sociais, entre até 5 horas e mais que 50 horas por semana, 21,3% dos respondentes utilizam de 5 a 10 horas por semana as redes sociais. Neste quesito, vale ressaltar, há certo equilíbrio entre as faixas de uso.

Utiliza Redes Sociais?

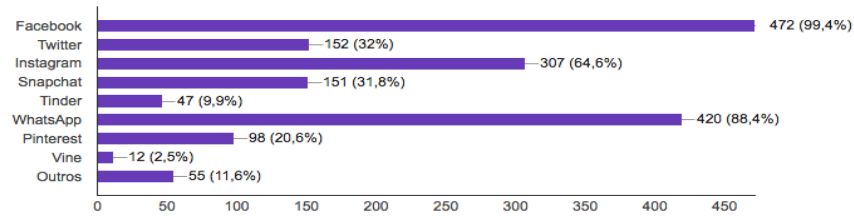


Quantas horas utiliza Redes Sociais?



As três redes sociais mais utilizadas são o Facebook, com 99,4%, WhatsApp, com 88,4% e Instagram, com 64,6%.

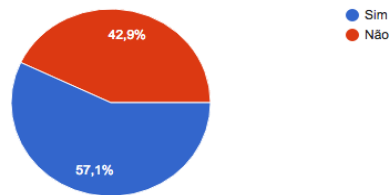
Quais Redes Sociais Utiliza?



A segunda parte da pesquisa (8 questões) foi diretamente sobre como os respondentes utilizam as redes e sua percepção sobre atitudes e temas mais sensíveis nas redes sociais.

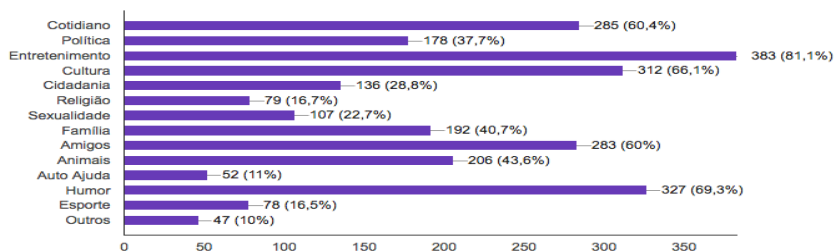
Sobre a expressão nas redes sociais, 57,1% dos respondentes disseram que se expressam livremente nas redes sociais.

Você se expressa livremente nas suas Redes Sociais?



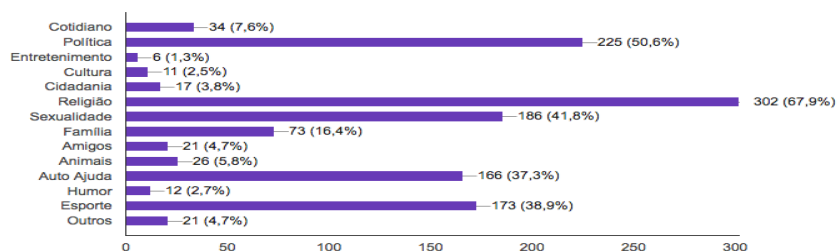
Os cinco temas mais postados nas redes são, dentre os elencados: Entretenimento 81,1%, Humor 69,3%, Cultura 66,1%, Cotidiano 60,4% e Amigos 60%.

Que tipo de conteúdo você posta nas redes sociais?



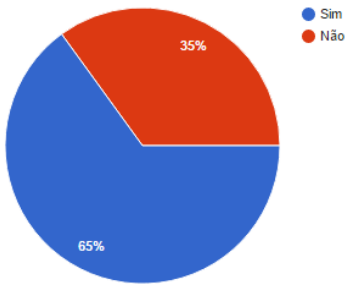
Já os temas mais evitados são: Religião 67,9%, Política 50,6%, Sexualidade 41,8%, Esporte 38,9% e Auto Ajuda 37,3%.

Que tipo de conteúdo você evita nas redes sociais?

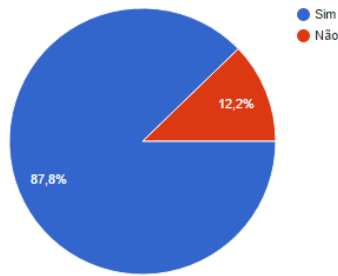


Dos respondentes, 65%, declaram que já tiveram discussões nas redes sociais. A pesquisa apontou que 87,8% consideram que as pessoas estão mais intolerantes. Apesar de apenas 10,3% se considerar intolerante nas redes.

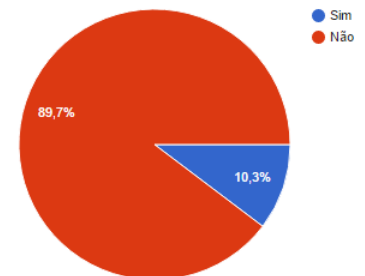
Você já discutiu nas Redes Sociais?



Você acredita que as pessoas estão mais intolerantes nas Redes Sociais?

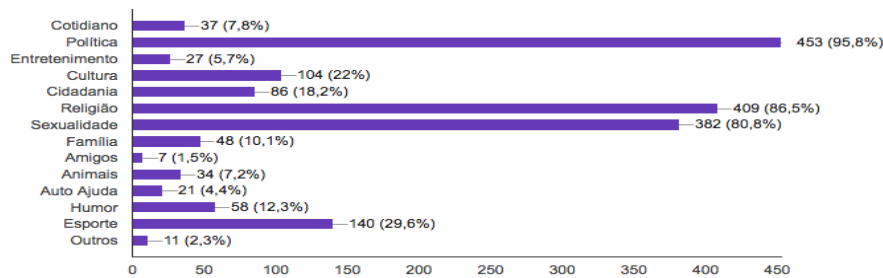


Você se considera intolerante nas Redes Sociais?



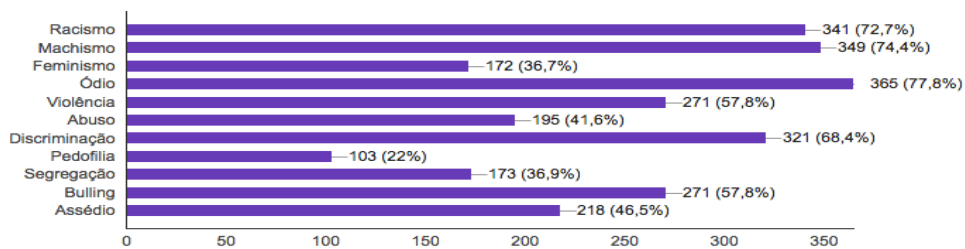
Os mesmos temas sugeridos como costume de postagem e postagens evitadas, foram elencados como principais temas que geram problemas nas redes.

Quais assuntos considera que geram mais problemas nas redes sociais?



Os três temas mais indicadores foram: Política 95,8%, Religião 86,5% e Sexualidade 80,8%. Os demais temas chegaram no máximo a 30% das indicações. Finalmente, as atitudes negativas mais identificadas nas redes sociais foram: Ódio 77,8%, Machismo 74,4%, Racismo 72,7%, Discriminação 68,4% e Violência e Bulling com 57,8%.

Que tipos de atitude negativa você mais identifica nas Redes Sociais?

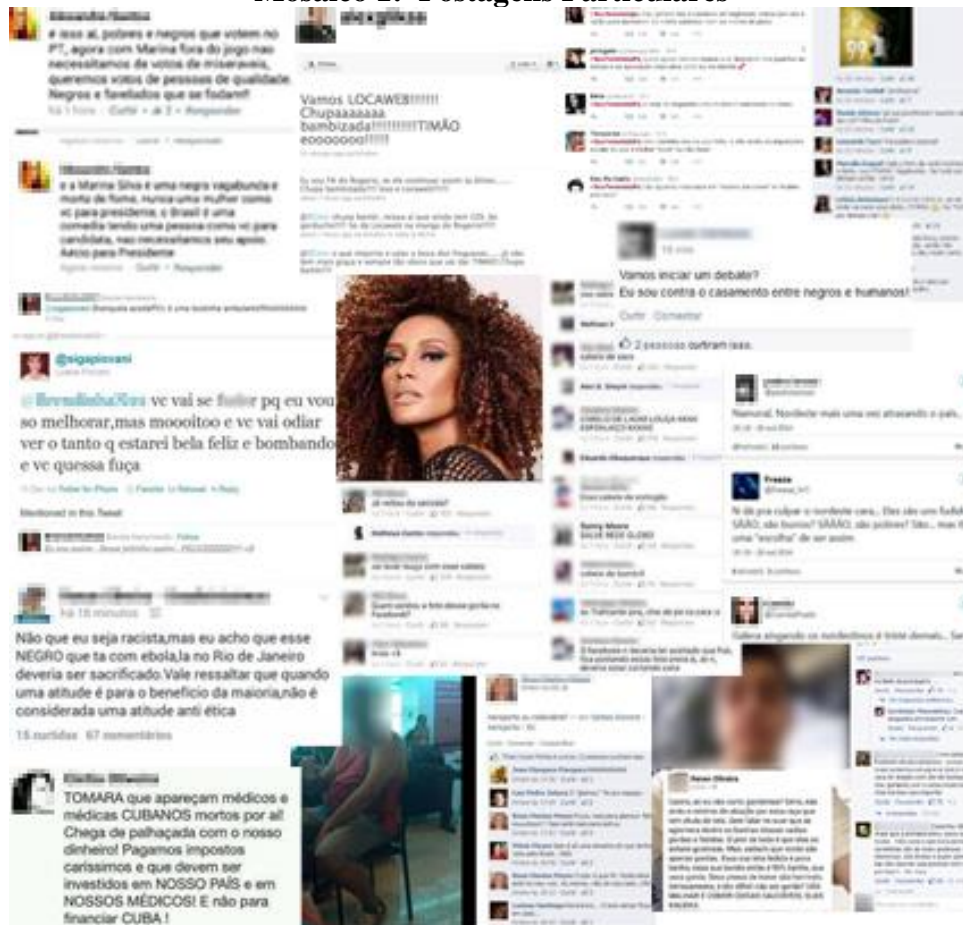


6. Casos ilustrativos

O questionário apontou que os usuários entendem que a intolerância vem crescendo em suas redes e que, em função disso, as discussões também vêm crescendo. Diante dos temas mais apontados como “delicados” e que geram mais atitudes negativas, foram selecionadas algumas postagens nas ferramentas Facebook, Twitter e Instagram que fundamentam estas percepções.

Primeiro foram coletados casos aleatoriamente, via mecanismo de busca, usando as palavras chave: rede sociais, eleições, futebol, intolerância, racismo e discriminação. Esta seleção tem por característica post de livre expressão, ou seja, não são comentários a alguma matéria que cause repercussão direta. Foi montado um mosaico com estas postagens que poderá ser consultado individualmente.

Mosaico 1: Postagens Particulares



Fonte: Google. Disponível em: <http://migre.me/uiybe>

Foi possível averiguar nestas postagens a livre expressão e, conseqüentemente, a severa carga de intolerância. O interessante é que se tratam de postagens abertas, direcionadas a pessoas, em resposta a emissão de opiniões feitas sobre ou por elas. O grau de intolerância é muito alto, mostrando que, atualmente, aceitar que o outro pode ter uma

opinião diferente é muito difícil. E, mas complexo que isso, entender que o que se diz nas redes sociais está registrado e pode servir como prova em eventual processo, parece não fazer parte dos cuidados no uso das redes. De certa maneira, isso sugere a subjetividade, sob a concepção de Woodward (2000), que é a compreensão que temos sobre nosso eu envolvendo os pensamentos e as emoções conscientes e inconscientes que constituem a concepções sobre “quem somos”. Vive-se a subjetividade em um contexto social no qual a linguagem e a cultura dão significado à experiência que se pode ter de si mesmo. É desta maneira que se pode criar, ao utilizar uma rede mediada pela construção de um perfil, um aparente distanciamento entre o que é dito e a responsabilidade por aquilo que é dito.

Em uma segunda etapa foram selecionados posts de acontecimentos recentes (Maio e Junho de 2016) feitas por grandes portais de notícias. Aqui buscou-se observar a expressão diante do impacto causado pelas matérias em si e/ou da situação apresentada pelas mesmas.

Mosaico 2: Postagens Portais



Fonte: Facebook/Twitter/Instagram. Disponível em: Disponível em: <http://migre.me/uiybe>

Nesta etapa pode-se comprovar o mesmo grau de intolerância da anterior, talvez agravado pelo fato de que as mensagens não eram destinadas a uma pessoa em sim, mas uma explanação de pensamentos acerca do assunto. Por vezes os comentários tomavam tons

peçoais, quando direcionados a rebater outros comentários ou a personagens apresentados na matéria. Os assuntos selecionados tiveram como tema o entretenimento e a política.

A questão da subjetividade do eu virtual, pode levar as pessoas a encarar que o ambiente virtual lhes pertença, e que o “eu” é colocada por Arlindo MACHADO (2007) quando diz:

“Alguns analistas de ciberespaço têm sugerido que os computadores conectados em rede, ao colocar também em conexão os seus usuários e permitir que cada um deles se distribua dentro desta rede, seja enquanto tal, seja multiplicado através de seus avatares, estão afetando profundamente as relações de intersubjetividade, assim como a própria natureza do ‘eu’ e da sua relação com o outro” (MACHADO, 2007 pg 35).

O subtexto, ou aquilo que é possível inferir acerca de uma determinada postagem, é o resultado de uma complexidade de elementos como a subjetividade, proporcionada pelas redes, e a necessidade de se expressar com liberdade. É exatamente na decodificação desta mensagem que encontramos este conteúdo, que pode vir revestido de intolerância.

5. Considerações Finais

Pode-se, ao final desta pesquisa inicial, entender que as pessoas, cada vez mais, se expressam livremente nas redes sociais. Tal liberdade, muitas vezes destituída de aspectos de responsabilidade sobre o que é dito, toma contornos difíceis, e demonstra que estamos em tempos complexos, no que tange as relações humanas. Aceitar que o outro pode e tem o direito a ter uma opinião diversa, deveria ser uma das premissas de uma sociedade democrática de direito. Ter uma opinião distinta, não significa em seu cerne, ser pessoalmente contrário ou diferente de A ou B. Posicionar-se política, ideológica ou moralmente de maneira diferente, não precisa ser uma batalha, onde atingir o que o outro é ou como se comporta, deva ser uma arma usada a qualquer custo.

Foram selecionados temas para esta pesquisa, que são conhecidamente espinhosos. Um dos temas foi bastante questionado pelos respondentes da pesquisa, por uma questão de erro da conceituação do mesmo. O feminismo foi elencado como “problema”, apenas como a identificação dos extremismos de uma determinada ideologia. O termo correto seria femismo, ao invés de feminismo, mas foi usado aqui visto que grande parte das pessoas desconhece a correta nomenclatura. Ainda assim, parte dos respondentes entendeu que sim, o feminismo pode ser um tema problema.

Esta pesquisa não teve por objetivo valorar as questões, nem as relativizar. Não cabe a este estudo inicial entender as características de cada aspecto negativo, apenas de

identifica-los. O que se pôde observar é que questões de gênero, raça, sexualidade, religião e política são apontados como temas mais negativos, que geram mais problemas, confrontos e excessos nas postagens nas redes sociais. Isso foi apontado pelo questionário e pelos casos selecionados, devido a sua repercussão.

Esta pesquisa inicial foi feita apenas com postagens abertas, publicadas suas “prints” ou coletadas abertamente nas páginas das matérias. Se fosse aprofundada para os perfis pessoais, do cotidiano, em épocas de grande polaridade política, como as eleições presidenciais, demonstraria ainda mais como o ódio e a intolerância permeiam e contaminam as redes. As pessoas têm levado para o pessoal discussões da rede, tem rompido amizades por discussões na rede e tem perdido a medida do que dizem e publicam nas redes. Haverá um preço a se pagar por esta liberdade. Um preço que pode ser social ou jurídico, de acordo com a extensão do que está sendo dito.

Alguns dos casos apresentados no primeiro mosaico se tornaram questões de justiça, com processos de injúria e de danos morais. Outros apenas, se pode-se dizer apenas, tiveram consequências na perda relacionamentos, posições de trabalho ou impacto de imagem.

A preocupação com estes rumos obscuros vem tomando conta do governo e da academia. O Laboratório de Estudos em Imagem e Cibercultura da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) desenvolveu um aplicativo que visa monitorar postagens nas redes sociais que reproduzam mensagens de ódio, racismo, intolerância e que promovam a violência, por encomenda do então Ministério das Mulheres, Igualdade Racial e Direitos Humanos. Denominado “Monitor de Direitos Humanos”, o app fará a busca de palavras-chaves em conversas que estimulem violência sexual contra mulheres, racismo e discriminação contra negros, índios, imigrantes, gays, lésbicas, travestis e transexuais e permitirá que os dados fiquem disponíveis online e eventuais providências.

Não basta entender que a chamada “Liquidez da Modernidade”, identificada por Bauman, mostra que as relações humanas estão mais fluidas e perenes. Não basta entender que a sociedade moderna está em uma crise de valores e de moralidade. Não basta criar mecanismos de busca e identificação dos excessos cometidos. É preciso que a sociedade repense o que é liberdade, o que é limite e o que é tolerância.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001

_____. Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

_____. Tempos líquidos. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

_____. A sociedade individualizada: Vidas contadas e histórias vividas. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

_____. Vivemos o fim do futuro. Revista Época. Entrevista concedida a Luís Antônio Giron - 21.02.2014. Disponível em: <http://www.fronteiras.com/entrevistas/vivemos-o-fim-do-futuro>. Acesso em 15/06/2016.

CASTELLS, Manuel. A Sociedade em Rede. Volume I. 8ª edição revista e ampliada. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, Manuel. Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CHARTIER, Roger. A ordem dos Livros. Brasília, Ed. Unb, 1994.

COHN, Gabriel. O meio é a mensagem: análise de Mcluhan in Comunicação e Indústria Cultural. São Paulo: TA Queiroz, 1987

DARNTON, Robert. O beijo de Lamourette. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

E-BIT. 33ª Relatório Webshoppers. Disponível em: http://img.ebit.com.br/webshoppers/pdf/33_webshoppers.pdf . Acessado em 28/06/2016.

LEMOS, André. Ciberespaço e Tecnologias Móveis: processos de Territorialização e Desterritorialização na Cibercultura. in MÉDOLA, Ana Silvia; ARAÚJO, Denise; BRUNO, Fernanda. (orgs), Imagem, Visibilidade e Cultura Midiática, Porto Alegre, Editora Sulina, 2007.

MACHADO, Arlindo. O sujeito na tela: modos de enunciado no cinema e no ciberespaço. São Paulo: Paulus, 2007.

MICHAELIS Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=intolerancia>. Acesso em 07/06/2016.

NÓBREGA, Livia de Pádua. A construção de identidades nas redes sociais. FRAGMENTOS DE CULTURA, Goiânia, v. 20, n. 1/2, p. 95-102, jan./fev. 2010.

THOMPSON, John B. O A mídia e a modernidade in Uma teoria social da mídia. R. de Janeiro, Ed. Vozes: 2001.

VILCHES, Lorenzo. Globalização comunicativa e efeitos culturais in MORAES, Denis. (Org.) Globalização, mídia e cultura contemporânea. Campo Grande: Letra Livre, 1997.

WIKIPEDIA. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Intoler%C3%A2ncia>. Acesso em 07/06/2016.

HAAL, Stuart. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. SILVA, Tomaz T. (org.), HALL, Stuart, WOODWARD, Kathryn. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.